

O PERA DE SATANAZ

No domingo ultimo fomos ao Limoeiro e solicitámos uma audiencia do Pera de Satanaz, afin de lhe pedirmos permissão para lhe publicarmos o retrato. Concedeu-nos a audiencia mas negou-nos a permissão.

— Não tenho merecimentos, respondeu-nos elle, d'uma ironia cortante como navalhas de barba; não tenho merecimentos que me imponham á curiosidade publica e por isso não consinto que me retratem.

— Modestia, pensámos nós; e insistimos, e rogamos, e tivemos gestos convincentes, e dissemos frases persuasivas.

Nada o convenceu porém; e por um triz que não nos prega uma descompostura a proposito das injustiças que a imprensa lhe tem feito.

E acreditamos sinceramente que a imprensa, a policia e toda a gente tem sido d'uma injustiça flagrante para com esse pobre Pera de Satanaz...

O documento mais authenticico de que elle é um simples, um candido, um ingenuo, está n'esta mesma ingenuidade com que nos declarou não consentir que o retratassem, sem lhe passar pela ideia que tinhamos ali uma machina photographica no olhar do nosso collaborador artistico, cuja retina conservou com a precisão d'um cliché todos os traços physionomicos do Pera de Satanaz, o que nos permite estampar-lhe aqui a vera effigie, a despeito da sua acrisolada modestia.

De caminho tirámos tambem um croquis, que publicamos, do hespanhol julgado na segunda feira ultima e que tão celebre se tornou na sua arrojada evasão da cadeia do Limoeiro.



O SR. CONDE DE PARIS NAS CALDAS
OU
O CONSELHEIRO PIM ASSARALHOFADO

(Dedicado ao sr. conselheiro José Luciano de Castro)

Ao receber a noticia de que um príncipe francez demandava as Caldas da Rainha, Pim cobriu-se d'um suor morno, rescendente a ovos chocos, como a agua do hospital de que elle anda saturado. A noite passou-a em claro e em camisa, queimando as pestanas sobre a guia de conversação.



De madrugada, o côto de cebo que por vezes lhe illimina os arcanos da mipleira, accendeu-se repentinamente na mais luminosa das inspirações.

—O *Figaró!* bradou elle para a criada; traga-me um *Figaró*, que ahí é que eu aprendo umas frases em franciú de deixar o príncipe azabumbado!

Mas ninguem sabia o que era o *Figaró*; procuraram em todos os estabelecimentos da Praça e nenhum logista tinha *Figaró* nem por grosso nem a rebotalho!

Descobrindo enfim que *Figaró* em francez quer dizer barbeiro, e como d'esse genero ha abundancia no sitio, levaram-lhe um quartairão de barbeiros, persuadidos de que *Pim* desejava escamar os queixos.

Pim trevejou que não queria escamar coisa nenhuma e ficou escamadissimo.

Debalde o sr. conde de Paris, que viaja incognito,



pretendeu incognito visitar as Caldas.

Aqui não se admittem inc. guitos; inda o viajante está tomando chá no Cercal e já por cá se sabe se e príncipe de sangue ou simples barão da sua rua.

E, conforme o grau da hierarchia, assim se graduará a inferneira da recepção.

A um príncipe de sangue cabem duas philharmonicas e egual numero de girandolas de foguetes.

A um simples commendador cabe apenas meio foguete e umas variações de cornetim *á piston*. E' a ta bella.

O incognito para cá não pega. Quem estiver em cheiro de nobreza ha de forçosamente desfilhar entre as alas dos chapéus altos das grandes occasiões e o mutismo circumspecto das auctoridades, que cedem a palavra aos foguetes e ás philharmonicas.

Pim determinára que á chegada do sr. conde tocassem o hymno da França; e, como lhe observassem que tal hymno era a marselhesa, Pim retroquiú batedo o pé — que é um dos gestos mais peculiares do conselheiro:

— Não sei cá se é marselhesa ou tia Andreza; e dar-lhe com elle para a frente!

— Mas nós é que não sabemos senão o hymno da Carta...

— Pois toquem-lhe o hymno da Carta... mas trazido para francez.

O conde ficou tão encantado com a recepção do conselheiro que não fazia senão implorar para os musicos, diligenciando exprimir-se em portuguez:

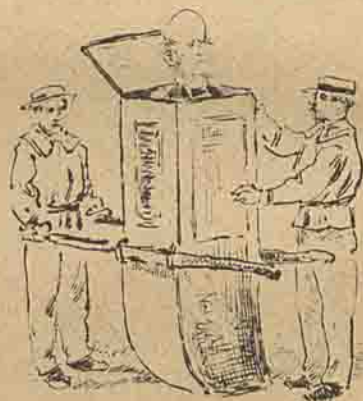
— Basta... basta...

Mas, um natural defeito de pronuncia, fazia-o dizer assim:

— Besta... besta...

E os musicos, persuadidos de que aquillo se entendia com o conselheiro, continuavam a dar-lhe de bumbo e trombone como quem se despede d'este mundo!

Pim foi depois de cadeirinha visitar o sr. conde



Apeou-se saltando pelo tampo, como os demonicos das caixinhas de mola—Um conselheiro *à la surprise*. Depois da venia do estylo o sr. conde deu enfim



por elle, julgando, pelo beico, ser o modelo de Judas

que eu estou fazendo para as capellas do Bussaco



Depois, attentando-lhe no gesto, toma-o pelo Ca. fás.



E em seguida, observando-lhe a ferocidade, persuadi-se de que é o Herodes!



Tive de declarar ao sr. conde que, não obstante modelar os judeus aqui nas Caldas, não aproveitara o conselheiro por me parecer exagerado...

Não se imagina o espanto do sr. conde, quando Pim, depois de ruminar por meia hora a uma phrase que lhe viera á bocca, conseguiu deital-a intcirinha cá para fora.

—É assombroso! exclamou sua alteza: tenho visto



innumeros exemplares d'esta familia em varios jardins zoologicos, mas, com o dom da palavra, é o primeiro!

Eis a *toilette* de corte adoptada pelo conselheiro para receber principes de sangue. Reparem-me n'este *salero*!



No dia seguinte, quando as auctoridades procuravam no hotel o sr. conde, afim de o mimoscarem com a segunda edição da scena muda e da phylarmonica da



vepera, sua alteza resolvera não prestar mais ouvidos áquella commissão de surdos-mdos e por isso passara as palhetas as palhetas dos clarinetes.

O conselheiro Pim, no empenho de persuadir o sr. conselheiro José Luciano de que é falso tudo o que deixo referido, acaba de remetter uma correspondencia em francez para o *Diario Illustrado*, que a endossou ao *Pimpão*, em cujo proximo numero vira publicada.



DIFFERENÇAS DE SANGUE

COMO TODOS NÓS NASCEMOS



Nascemos e pagamos gratificações à parteira, à ama, ao prior, ao sacrista e ao sineiro

COMO TODOS ELLES NASCEM



Nascem e recebem contribuições das parteiras, das amas, dos priores, dos sacristas e dos sineiros.

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

POR AHI...

Com perdão do sr. conselheiro Viale, não ha nada mais sabio de que a sabedoria dos proloquios.

«Não ha fumo sem fogo», diz um dos taes, dos sabios, com perdão do sr. conselheiro Viale.

E, effectivamente, não ha fumo sem fogo.

E, senão, vejam a questão do tabaco de fumo que fogarão tem levantado por ahí!

Ao começo, o monopolio do tabaco apresentou-se como o salvador do mundo nacional, que é assim como quem diz o salvador da humanidade da nossa patria.

Salvava o paiz do eterno deficit, com a receita de dois mil e tantos contos; salvava os operarios do egoismo das companhias, garantindo-lhes futuro risonho como um clown e florescente como um eucalypto; salvava as companhias da concorrência estrangeira, salvava os consumidores, salvava os revendedores, salvava o ceu e a terra e todas as coisas visiveis e invisiveis.

Se apertassem muito com elle, se lhe pedissem com bons modos, estamos certos que até acabaria por salvar as batatas!

Durante a mania que por ahí lavrou ultimamente de inventar engenhocas para salvar pessoas nos incendios, ate parece impossivel que ninguem se lembrasse de alvitrar o monopolio do tabaco como proficuo aparelho salva-vidas e pedisse ao sr. ministro da fazenda que o mandasse para a caza da bomba.

Nós nunca percebemos lá muito bem como demonio essa medida financeira harmonisava as coisas de forma que o thesoiro recebesse mais uns dois mil e tantos contos, os fabricantes lucrassem maior dividendo, os operarios vencessem maiores salarios, os revendedores ganhassem mais percentagem, o consumidor disfructasse sensiveis economias — todos lucrassem, em summa, sem se saber no fim contas quem pagava o patau dos lucros de tanta gente!

Semelhante caso lembrava-nos por antagonismo aquella scena das casas de batota, no momento em que, pontos e banqueiro, chegam á phase da confidencia:

—Eu perdi dez libras, diz o primeiro ponto.

—Eu larguei trinta e tantos mil reis, declara o segundo.

—Eu espigui-me com doze moedas, queixa-se o terceiro.

E todos por este teór até ao ultimo.

—Pois o monte foi á gloria, remata o banqueiro.

E nunca se chega a averiguar quem demonio se abotoou com toda aquella bagalhoça!

Com o monopolio do tabaco succedia precisamente o contrario: todos ganhavam punhados de libras e ninguem perdia nem a apara d'um ceutil!

Como a ordem dos factores é arbitraria, o monopolio do tabaco e a casa de batota tinham assim o aspecto de dois irmãos siameses...

Mas, de repente, mudam-se as scenas: os operarios começam a chiar, os fabricantes a gritar, os vendedores a berrar e os consumidores a praguejar.

O unico de todos os interessados que se conserva sem dar pio é o thesoiro — talvez o unico, no fim de contas, a quem assistissem fundados direitos de gritar aqui d'el-rei...

Não o fez, naturalmente, para não interromper sua magestade, no seu doce noviciado de avósinho.

Os operarios do Porto, arrufados com os donos das fabricas, resolveram não concorrer ao trabalho, suprimindo

a ausencia de salarios por um expediente muito simples, muito commodo e muito nacional — pedir esmola.

Vae d'ahi, a policia prende-os, sob o pretexto de que a mendicidade é prohibida!

Não podemos deixar de verberar o procedimento da policia com todo o pessoal de invectivas — effectivo e supranumerario — de que se compõe a secretaria da nossa indignação.

Prohibida a mendicidade?!...

Com que então prohibida a mendicidade que, se não faz parte integrante da Carta Constitucional, faz pelo menos a mesma coisa dos habitos indigenas, dos usos patrios, dos costumes nacionaes!!!

Prohibida a mendicidade, que tem a sancção das classes laboriosas, como barbeiros, carteiros, porteiros e tantos mais eiros, que andam continuamente a estender-nos a bandeja, o bilhete de visita e a caixa de musica, pedindo-nos broas de milho e amendoas cobertas!

Prohibida a mendicidade, que tem o apoio das estações officiaes, a ponto do governo civil ser um medianteiro de mendigos, para os quaes solicita esmola em circular aos regedores!

Prohibida a mendicidade, que tem o arrimo dos proprios monarchas que nos regem e que não duvidam exercel-a uma vez por outra, realisando saraus a promovendo kesrmesses onde se pede esmola!

Ora se o paiz não é, como demonstrado está, mais de que um Asylo de Mendicidade em ponto grande, uma casa hospitaleira do tamanho do sr. conselheiro Nazareth, como demonio é então que se engaiolam dezenas de cidadaos livres por usarem do direito livre concedido a todas as gentes?

Já que o novo regimen do monopolio do tabaco põe o operario cigarreiro na contingencia de ir um dia para o olho da rua sem ter outra fabrica onde exerça a sua profissão, deixem-n'o ao menos fazer tirocinio para pobre do Asylo, visto como, n'essas condições, ainda pode futuramente tornar-se util ao seu paiz e á sua pessoa, alugando-nos cadeiras na Avenida, a vintem por cabeça — isto é, a vintem por assento.

Os manipuladores de Lisboa, com muito menos sangue na guelra de que os do Porto, em vez de se reunirem no monte das Ahtas, preferiram antes reunir-se no Terreiro do Paço e em lugar de pedirem esmola aos transeuntes foram pedir justiça ao sr. ministro da fazenda.

Se a theoria do nariz não é uma batata, parece-nos que, tanto cigarreiros como cigarreiras, fariam melhor negocio se, em vez de pedirem justiça ao sr. ministro da fazenda, pedissem antes fazenda ao sr. ministro da justiça...

Em todo o caso, o sr. Marianno fez aos cigarreiros e ás cigarreiras o mais que lhes podia fazer: tanto, pelo menos, como nós costumamos fazer ao Senhor dos Passos da Graça em occasião de doencas — fez-lhes promessas...

Cigarreiros e cigarreiras saíram do ministerio contentissimos da sua vida; as cigarreiras, especialmente, vinham tão risonhas, tão risonhas, ao atravessar o Terreiro do Paço, que o proprio D. José teve um estremecimento nervoso em todos os membros de bronze e suspirou muito baixinho:

—Tomára eu que no dia dos meus annos me dessem uma cigarreira de presente...

PAN-TARANTULA.

CONTOS EM BRANCO

Indecisos sobre aquelle a que devamos dar a primasia, publicamos os trez que nos parecem melhores e pomos a decisão a votos do leitor. Aquelle que fór mais votado receberá no proximo numero o seu diploma. Mandaram-nos tambem interpretações em verso *De Mathieu, Magaga Lió* e outros, mas não lh'os publicamos por falta de papel

N'um casco o velho sornava,
Sem lençoes, coberta ou capa,
Co'os cascos atordoados,
P'lo cheirete da zurrapa.

Quando dois garotos lepidos,
Vendo ao bom velho as canellas,
Desatam, bumba que bumba,
Aos murros nas aduelas.

Accorda o *ginja* co'a bulha,
Põe á vela a narigueta,
E da co'ella, toda rubra,
Nos dois melros de chupeta.

Recolhe-se. Então um d'elles,
Traz um clyster, e — carrasco!
Irriga o pobre velhote,
P'lo buraquinho. . . do casco.

Sae o infeliz lá de dentro,
Molhadinho a resmungar,
E os typos mostram-lhe a lingua.
Vendo-o a pingar, a pingar.

E como o triste, de novo,
Recolhesse ao duro leito,
Accercam-se elles da pipa,
Sorriem, e dão-lhe um geito.

Ella começa a rolar,
Eram tombos e mais tombos.
E elles vão rindo do caso,
Ao velho moendo os lombos

Um percalço porém surge
Ao brinquedo dos gaiatos
Na pipa havia dois pregos,
E n'elles prendem-se os fatos.

Era vel-os, coitaditos,
—Que grande atrapalhação!
—Agarradinhos á pipa,
Que os levava dè roldão.

Cairam, estatelados,
—Que desgraçados aquelles!
—Pois além do casco enorme,
'stava o velho em cima d'elles.

Ao findar o reboliço,
Triste espectac'lo de dó,
Os garotitos em papas,
Ficaram réz-véz co'o pó...

Recolhendo-se outra vez,
E vendo-os assim chatinhos,
D'est'arte fallou o velho,
Aos despojos dos tontinhos:

—Vocês vinham buscar lá,
E eil-os, que cardados ficam...
Picaram-me, sim, agora,
Chatinhos... já me não picam!

Qual outro Diogenes,
mui leve da tripa,
dormia um velhote
no vão d'uma pipa.

Um par de garotos
a esturdias affeitos,
rolaram co'a pipa
p'ra vér os effeitos.

Em berros o velho
o somno dissipa
e os gajos lampeiros
se occultam co'a pipa.

Mas não satisfeitos,
com grande arreganho,
d'enorme seringa
pespegam-lhe um banho.

Lá sai o velhote,
pois isto o constipa,
e corre os gaiatos
p'ra longe da pipa.

Mas éesses canalhas
da pé'l' do diabo
que tinham jurado
do velho dar cabo,

a carga voltando
no esforço d'um «ipa»
conseguem de novo
dar voltas á pipa.

O velho, coitado,
lá dentro aos boléos,
fugir já não pode
lançar-lhe os harpéos.

Mas prego maldito
que as carnes estripa
e estava pregado
n'um arco da pipa.

a roupa agarrando
d'aquelles malditos
co'a pipa os rebola
n'obstante os seus gritos.

Já viste espalmada
n'um quadro a tulipa?
taes elles ficaram
debaixo da pipa.

O velho, fctando-os,
lhes diz com desdem:
—ninguem faça mal
que espere por bem—

Co'a historia aqui findam
as rimas em *ipa*,
e o velho pros-gue
dormindo na pipa.

Porto:

M. R.

Um Diogenes de farripa,
Para não pagar imposto,
Habitava n'uma pipa
Que d'antes servira a mosto.

P'ra o lado d'onde soprava
Ou Eolo ou Aquilão
O fundo á pipa voltava,
Diogenes, por precaução.

Sem trabalhos, sem cuidados,
Levava vida folgada,
Quando dois endiabrados
O atacaram á pedrada.

Da cama saltando, em guisa
De quem traz bem leve a paizal,
Mesmo em fralda de camisa
Corre a ver se os dois alcança

E consegue debandar
Os pequenos melcatrefes
Que retiram a chorar,
Comi tres ou quatro tabefes

Mas, n'outro dia, os caturras,
Armados d'uma seringa,
Voltam e dão novas surras,
No tal velho que respinga.

Contentes do resultado
D'essa empreza boa, agora
Troçam do velho, escamado,
Deitando a lingua de fóra.

Chamam-lhe *ginja*, *jarreta*,
Urso negro, *lobishomem*,
Até lhes dar na tineta
Deixarem o pobre homem.

Quando os viu desapar'cer
Lá muito ao longe, na estrada,
—*Corja!* ainda ousou dizer,
Canalha grande cambada!

.....
Voltam alli outro dia
(Usando mil precauções,)
E como o velho dormia
A' pipa dão rebolões.

Rolam, terrives, damnados,
A pipa por 'hi além;
N'ella, porém, agarrados
Rolam com ella tambem.

Em cambalhota, os maraus,
Deram no chão co'os costados
E ficam quaes bacalhaus
Alli, na terra espalmados.

.....
Descançado como d'antes,
O velho, vida folgada,

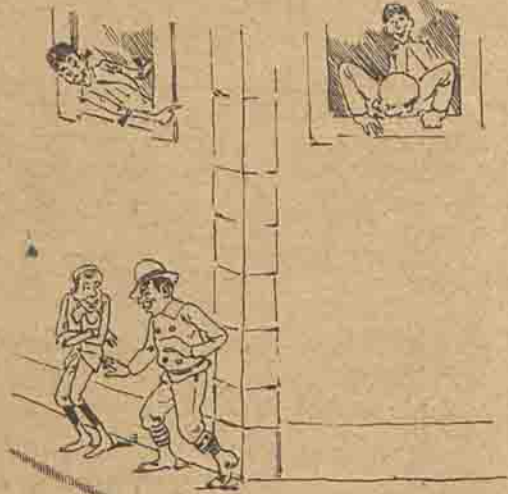
.....
Stá livre dos dois tonantes
E da sua cacoadá.

PRECOCIDADE

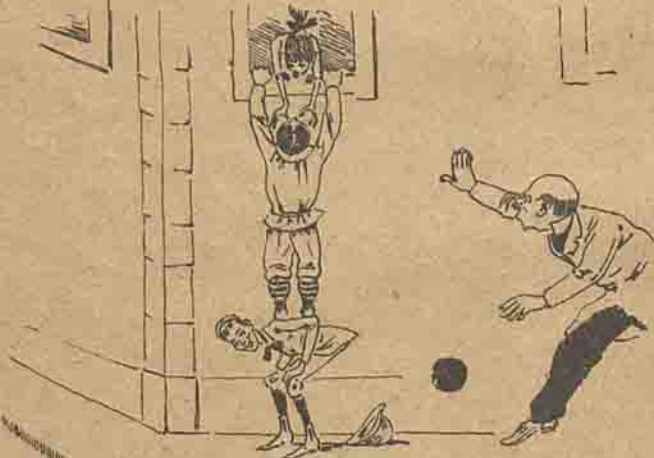
(Concluido do numero antecedente)

Precipita-se para a outra janella, escuta, espreita... nada!

«Falla, ninguem lhe responde, Olha, não bispa ninguem!»



Desce a escada a quatro e quatro e apanha-os finalmente com a booca na botija—um d'elles, sobretudo, muito proximo da botija...



—Pás! faz um dos pés, atirando com o mocinho de catrapuz.



Um dos páesinhos cae em baixo, outro cae de cima e o pae tyranno toma o logar do fiambre das sandwichs.



E o que vem de cima exclama: —Se como papá é muito duro, como colchão é razoavelmente mole...

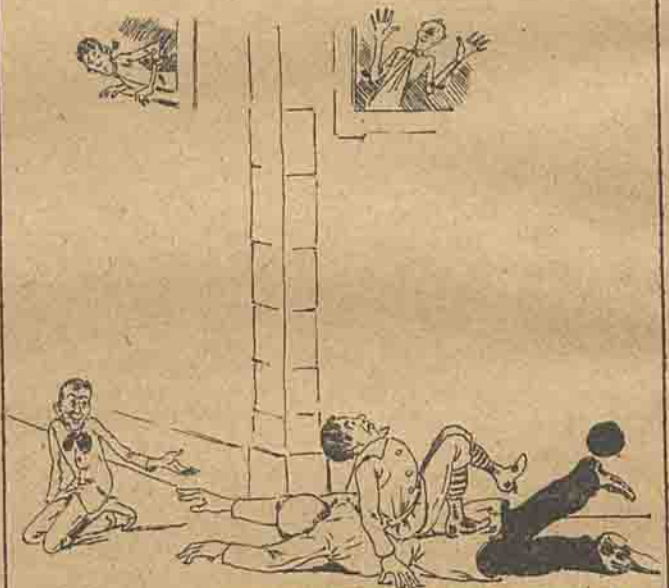


Tableau.



Miguel Bordinho